

TRABALHO E GÊNERO: ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO DOCENTE E A SAÚDE DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

AUTORA: VITÓRIA NUNES¹

ORIENTADOR: PROF. DR. JARBAS SANTOS VIEIRA

GRUPO DE PESQUISA: GESTÃO, CURRÍCULO E POLÍTICAS EDUCATIVAS

1 Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas
(nunesvic2@gmail.com)

2 Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas (jarbas.vieira@gmail.com)

1. INTRODUÇÃO

Este texto como objetivo apresentar o projeto *Trabalho e saúde das professoras de Educação Infantil das escolas públicas municipais da região sul do Rio Grande do Sul*, cujo objetivo é analisar a relação entre trabalho docente, gênero e saúde das professoras de Educação Infantil de 16 cidades dessa região¹.

O projeto desenvolve uma análise de entrevistas feitas com 18 professoras de nove das 16 cidades de abrangência da pesquisa, justamente àquelas cidades onde foram identificados o agrupamento de docentes com maiores problemas de saúde no trabalho. Essa identificação foi realizada a partir da aplicação do instrumento Job Strain Model (JCQ)² em 68 Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) e sobre um universo de 396 professoras. Os dados mostram que 33,24% das professoras estão ocupando o Quadrante de Alta Exigência³, o qual indica o grupo com maiores riscos adoecimento psíquico e sem motivação para inovação no processo de trabalho.

Estes dados permitiram identificar que em nove cidades⁴ encontra-se o maior percentual de professoras ocupando o Quadrante de Alta Exigência. Desta forma, foram realizadas entrevistas sobre uma amostra de professoras das EMEIs dessas cidades visando entender as formas como vêm experimentando seus processos de

¹ Arroio Grande, Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Cristal, Jaguarão, Herval, Morro Redondo, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Santana da Boa Vista, São Lourenço do Sul e Turuçu.

² JCQ (Job Strain Model) tem como base o Modelo Demanda/Controle (MDC), que privilegia duas dimensões psicossociais no trabalho: o controle sobre o trabalho e a demanda psicológica dele advinda.

³ O MDC distingue quatro tipos básicos de experiências no trabalho, gerados pela interação dos níveis alto e baixo da demanda psicológica e do controle: Alta Exigência do trabalho –caracterizado como alta demanda e baixo controle; Trabalho Ativo – alta demanda e alto controle; Trabalho Passivo – baixa demanda e baixo controle; Baixa Exigência – combinando baixa demanda e alto controle. O MDC indica a necessidade de traçar duas diagonais: uma – Diagonal A –, que vai do quadrante Baixa Exigência ao quadrante Alta Exigência, indicando os grupos com riscos de exigência psicológica e adoecimento psíquico; outra – Diagonal B –, que vai do quadrante Trabalho Passivo até o quadrante Trabalho Ativo para encontrar os grupos que apresentam motivação para desenvolver novos tipos de comportamento no trabalho, portanto, mais protegidos de adoecimento. Na distribuição das respostas das professoras dentro do MDC, no diagrama de quatro quadrantes, obtêm-se a característica das hipóteses preditas pelo próprio Modelo, referentes ao maior risco de adoecimento – Diagonal A –, assim como a hipótese de existência de motivação para o desenvolvimento de novos padrões de comportamento – Diagonal B.

⁴ Identificamos nove cidades: Arroio Grande, Canguçu, Capão do Leão, Herval, Pedro Osório, Pinheiro Machado, Santana da Boa Vista, São Lourenço do Sul e Turuçu.

trabalho, como entendem a profissão de professora de crianças pequenas e como organizam suas jornadas de trabalho.

Nessas entrevistas, a relação entre gênero e trabalho ganhou destaque no discurso das professoras, pois as respondentes mulheres, sem exceção, sempre mencionavam grande envolvimento com tarefas domésticas e uma certeza de que a Educação Infantil era naturalmente um trabalho feminino.

2. METODOLOGIA

As análises estão sendo realizadas sobre entrevistas semiestruturadas feitas com as professoras efetivamente em sala de aula. Essas entrevistas as questionaram sobre como compreendem tão elevado número de adoecimento na categoria.

As entrevistas ocorreram nas EMEIs, com o intuito de conhecer como essas docentes compreendem seus processos de trabalho, incluindo questões sobre suas rotinas, as relações com as famílias das crianças e com as próprias crianças, as relações com a gestão (da escola e de cada secretaria de educação), a construção identitária profissional e as relações entre jornada de trabalho, gênero e saúde.

As análises das entrevistas consideram as repostas das professoras como discursos, a partir da noção de Michel Foucault (2013). Nesse sentido, os discursos constroem a realidade vivida pelas docentes e fazem ver a complexidade da relação entre trabalho docente e saúde. Portanto, os discursos das professoras devem ser entendidos como um conjunto de enunciados cujo funcionamento segue regras comuns, fazendo circular os regimes de verdade que articulam saberes e poderes. Os discursos são práticas sociais que, por sua materialidade, vão constituindo as concepções sobre o trabalho e a profissão docente, estabelecendo as condutas praticadas e/ou desejadas pelo professorado dessas escolas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os discursos das professoras revelam muitas coisas sobre os sentidos e os significados dados à profissão de educadoras de crianças pequenas: trabalho eminentemente feminino, insatisfação pela desvalorização da profissão, baixos salários, precárias condições de trabalho. Esses fatores acabam afetando a saúde das trabalhadoras, muitas vezes pelo acúmulo de empregos – trabalhar o dia inteiro, muitas vezes em mais de uma escola, além do trabalho doméstico –, configurando-se como dupla ou tripla jornada de trabalho, e produzindo efeitos sobre a saúde dessas pessoas. De toda forma, as entrevistas fazem ver a sobrecarga de trabalho que essas professoras estão experimentando nesses últimos anos.

O processo de intensificação – jornada de trabalho escolar – somado as tarefas domésticas implica uma sensação de sobrecarga de trabalho – quanto mais e mais tem a ser feito, menos tempo existe para fazer o que deve ser feito. Essa é a percepção das professoras. Para elas, além da ampliação das atribuições que são típicas da profissão, existem fatores que estão vindo de fora da escola e que são considerados como “invasores da normalidade” que deveria constituir o trabalho com crianças pequenas, aumentando suas responsabilidades, suas tarefas e as ações que realizam nas EMEIs.

Na visão das professoras, essas novas tarefas atingem tanto a saúde de cada uma delas quanto a qualidade da educação, já que não seria de responsabilidade das escolas e das professoras, mas das mães e das famílias. Na mesma direção,

frente à naturalização de seus discursos em relação aos trabalhos de casa (lavar, limpar, cozinhar, cuidar dos filhos e marido etc.) é preciso entender os impactos sobre a saúde e sobre a condição de ser educadora em uma EMEI. Nos discursos analisados, já é possível perceber que o gênero apresenta forte relação com o trabalho das professoras e com o trabalho doméstico. Em ambos ambientes, a ideia de uma natureza feminina é convocada para que o processo de trabalho possa ocorrer. Nessa medida, a jornada de trabalho se estende da escola para a casa e da casa para escola, havendo pouca distinção entre o que a professora faz em casa e a mãe faz na escola, ou vice-versa. Essa confusão de papéis pode estar alimentando a ideia de profissão docente na Educação Infantil como maternagem – como fundamento de uma possível natureza feminina e, por consequência, de uma possível natureza do trabalho docente neste nível de escolarização. Como maternagem a educação de crianças pequenas habita dois mundos – a casa e a escola –, e a especificidade de cada um deles se confunde e, por isso, se estende, se intensifica na vida dessas professoras e auxiliares.

4. CONCLUSÕES

As pesquisas que vem sendo desenvolvidas sobre as relações entre trabalho e saúde, bem como as próprias investigações do grupo de pesquisa, demonstram que as professoras e auxiliares da Educação Infantil vêm experimentando, em seu processo de trabalho, câmbios materiais e simbólicos que têm produzido tanto uma hipertrofia de funções quanto o deslocamento das imagens sobre a educação e o ser docente. Aliado a isso, um conjunto de discursos – governamentais, midiáticos e da própria sociedade – tem promovido a redução do conceito de educação ao conceito de ensino. Essa redução atinge o ser da categoria e de cada docente em particular, espremidos por exigências de atividades cada vez mais técnicas e burocráticas, que visam o cumprimento de metas definidas pelas políticas governamentais, vistas como medidas de avaliação da competência e da qualidade da educação e de seus agentes, tendo efeitos sobre a saúde do professorado.

Todavia, na Educação Infantil e especificamente nas pesquisas que o grupo vêm realizando, o cuidado e a educação das crianças pequenas permanecem difundidos como sendo uma tarefa de mulheres, seja porque por uma concepção biológica do feminino – com todo o moralismo que a cerca e com forte apelo à reprodução e à maternidade –, seja por fatores ligados a uma perspectiva culturalista, voltada para um discurso do cuidado como trabalho naturalmente feminino.

A falta de demarcação entre as atividades de mulher, mãe e professora – obrigada a conciliar as diferentes posições que assume –, as interpelações que sofrem no dia a dia das escolas pelos pais, o desprestígio por serem, muitas vezes, remetidas também à figura da babá, que não necessitaria de qualquer especialização para desempenhar seu trabalho, são situações que interferem no andamento das atividades das professoras de Educação Infantil e contribuem, em grande parte, para o processo de adoecimento dessas profissionais.

É preciso então entender especificamente este processo à luz de fatos dados já coletados ao longo desses últimos 10 anos de pesquisa, para explorar as formas como o adoecimento está sendo produzido sobre essa categoria de trabalhadoras, e como isso interfere na qualidade do trabalho educativo.

5. REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Tânia Maria de. e KARASEK, Robert. Validity and reliability of the job content questionnaire in formal and informal jobs in Brazil. **SJWEH Suppl, Scandinavian Journal of Work, Environment & Health**; Journal information, 2008 (6): 52-59.
- ESTEVE, José S. **O Mal-estar Docente**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Univesitária, 2013.
- HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos; PIZZI, Laura Cristina Vieira. Reestruturação Curricular e Autointensificação do Trabalho Docente. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.2, pp.100-112, Jul/Dez 2009.
- KARASEK, Robert. 1979. Job Demand, job decision latitude, and mental strain: implications for job redesign. **Administrative Science Quarterly**, n. 24, p. 285-308, 1979.
- MARTINS, Maria de Fátima Duarte et al. As doenças da docência: imagens da educação – fragmentos da pesquisa ‘A constituição das doenças da docência. **Anais do II Congresso Latinoamericano de Psicologia Ulapis**. México, Ciudad de México : Universidad Autónoma Metropolitana – Unidad Xochimilco – y la Unión Latioamericana de Entidades de Psicologia, 2009.
- MARTINS, Maria de Fátima Duarte et al. Processo de trabalho educativo e o mal-estar docente: a fabricação da identidade do professorado. **Anais do V Conferencia Internacional de Psicologia de la Salud – PSICOSALUD**. Cuba, Havana : Sociedad Cubana de Psicologia de la Salud, 2008.
- MARTINS, Maria de Fátima Duarte; VIEIRA, Jarbas Santos; FEIJÓ, José Roberto de Oliveira; GONÇALVES, Vanessa Bugs. O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 17, p. 281-289, 2015.
- SCOTT, Joan. **Gender**: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989..
- VIEIRA, Jarbas Santos et al. Constituição das doenças da docência. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPEl | Pelotas [37]: 303-324, setembro/dezembro, 2010.
- VIEIRA, Jarbas Santos; GONÇALVES, Vanessa Bugs; MARTINS, Maria de Fátima Duarte. Trabalho docente e saúde das professoras de educação infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul. Trabalho, **Educação e Saúde (Online)**, v. 14, p. 559-574, 2016.